

A Viagem do Elefante

PERSONAGENS

D. JOÃO III

CATARINA DE ÁUSTRIA

SECRETÁRIO

FIDALGO

CORNACA

COMANDANTE

CAVALEIROS

POVO

BOIEIRO

FEITOR

PADRE

FERNANDO DE BULHÕES

INTENDENTE

MARINHEIROS

ARQUIDUQUE

ARQUIDUQUESA

SALOMÃO

ESPAANHÓIS

CAPITÃO

COURACEIROS

PINTOR

CRIADOS

LÍNGUA

ALCAIDE

OFICIAL

SENTINELAS

ALDEÕES

PEREGRINO

ATO 1

CENA 1

Que abra a cima o PANO, ao quarto real, deitados D. JOÃO III, na direita de nós que vemos, e a CATARINA na direita dele, ela reza uma oração, ele coça-se debaixo do lençol, e então suspira

D. JOÃO III

(mexendo na barba, lento)

Estou duvidando Senhora.

CATARINA

(rápido demais, abrindo os olhos da reza, sobressalta)

Eu sou sua!

D. JOÃO III

Disso não duvido alto, digo nosso Primo.

CATARINA

Faz quatro anos que casou, que duvida?

D. JOÃO III

Agora que o temos em Valladolid penso.

Quem não ande ao tento da importância

Laicas ou lacaias não veja nossas alcovas

E suspeite, coração tão cheio como Rei

Ficar assim inseguro.

CATARINA

Só sendo cativos

Senhor, nos libertamos. Então que a ele

Se faça igual, e uma custódia pelo casar

Se dê, que a Santa minha Prima digamos

Já o sacramenta.

D. JOÃO III

Vade retro, é luteranista.

CATARINA

Eu é que nunca fui de retro.

D. JOÃO III

Pela nefanda

Faço três cruzeiros nas ancas e nos cabelos.

Nossa Senhora nos livre, e quem me pôs

A ideia duma herege na língua, e a corda

Que Deus toca e nos leva o caput suspenso

Não mais se falsifique.

CATARINA

Amém meu Salomão.

D. JOÃO III

Sou eu?

CATARINA

É o Rei de Judá.

D. JOÃO III

E tu és-me quê

O Judas?

CATARINA

Como da sua mesa, não duvide.

D. JOÃO III

Mas Senhora, aceno eu três vezes cabeça

Penso três iguais, e faço trio trevo, que ó

Os mindinhos dos meus dedos dos pés cruzo

Para dizer, há Jesus nesta cama. Fala bem,
Daremos o Elefante ao Primo.

CATARINA

Não que eu
O queira ver longe daqui!

D. JOÃO III

Nem eu, Senhora!
Um Homem tem sempre paixão dum bicho
Que tem uma tromba tal. Aliás, a Elefanta
Tem ambos os dons, se pensar nisso.

CATARINA

Ai ai!
Não me diga essas coisas, Virgem Maria.

D. JOÃO III

Mulher, cobre-te com os lençóis, se não
Meto-t'eu a fronha.
(*ela faz, e ele pega num sininho e toca*)

Entra SECRETÁRIO, e o D. JOÃO III mete a mão direita debaixo do lençol

D. JOÃO III

Moço, mete saliva
Aí no real tinteiro se 'tiver seco, mensa
Tenho eu na mente, d'egrégia importance.
(*o SECRETÁRIO tira o tinteiro da parte da frente da cinta e a pena da parte de trás*)
Senta aqui ao meu lado, a cama é de pedra
Que mole dá-m'o jeito.
(*ele senta, para escrever*)
Não ao meu lado,
Servo, aos meus pés.
(*ele vai aos pés da cama, e tira o papel da gola*)

E no fim beijas a mão.

SECRETÁRIO

Até o pé, Majestade.

D. JOÃO III

Não que eu coró, vá

Escreve aí. Primo Maximilianovitchkyko

(Isto é alcunha, ele percebe), nada mais há

Neste reino Algarvino prioroso, qu'ó Salomão.

E é doutrina corrente, que de sombras d'elefante

O homem foi feito (mete aí que disse o Aquino

Mas foi em Latim, que eu sei que ele não sabe

Nem eu, mas não faz mal), por isso que o tome

A ver se se faz o Anschluss de cá a lá, digamos

E em vez de levar tábuas no Tejo leve no Danube.

Agora passa isso a limpo, e que esteja feito

Com as abreviações do Tiro, para que o futuro

Venha tentar ler e não pesque nada do qu'aí está.

Isso, isso, e manda entrar o meu Fidalgo favorito

A palmada que te dou nas omoplatas nele

Vai queimar-lhe aquela cela do cavalo tal

Que não vai adormecer ido.

Sai SECRETÁRIO à direita, e entra o FIDALGO

D. JOÃO III

Fidalgo, não fosse

O meu coração teu, cobria-me com o lençol

Para não me verdes neste estado.

FIDALGO

Majestade

O meu corpo é seu, que precisa?

D. JOÃO III

Leva alma

Esta missiva, é para o Maximiliano Raxis

Vou mandar as quadras pôr nelas éguas

Que os cavalos estejam ansiosos de voltar

E é evidente, troca quando precisares, vai.

Sai FIDALGO, retirando-se em arrecuas, fazendo vénias de três em três passos para trás, depois de beijar a mão

D. JOÃO III

Podes sair.

CATARINA

Atrevido!

D. JOÃO III

Não qu'estava escuro.

Mas não achas que eu devia ir lá vê-lo?

CATARINA

Esse Fidalgo não te deixo.

D. JOÃO III

Digo o Bicho.

CATARINA

Vais acompanhado, não te deixo sozinho.

D. JOÃO III

Dois moços, um para os recados a outra

P'ra lhe cheirar o rabo. Mas viste Mulher

Como resolve o Rei assuntos de um dia

Até de noite? E ainda dizem alguns por aí

Qu'os olharapos que presidiram meu nascer

Não me quiseram dar o ato poético.

CATARINA

Oh mas ah

Vissem como roncas viam logo aí muit'haver.

D. JOÃO III

Toco aos anjos p'r'ós adormecer, eles pedem.

CATARINA

Olhe que é mau tempo para ir para o céu.

D. JOÃO III

É?

E porquê?

CATARINA

A inquisição findou salvos-condutos

Nem Reis se garantem à eternidade do além.

D. JOÃO III

Nem havíamos; não sei se foi um meu familiar

Ou se ainda está por vir, mas um foi enterrado

E não quis que s'erguesse lá nada, fosse raso.

Claro que alguém depois dele o alevantou

E o pôs numa abóbada qualquer, mas aí está.

Também o Sebastião desenterrará o segundo

Do meu nome, para lhe beijar a mão.

CATARINA

Quem?

D. JOÃO III

Ui ui, esquece esquece. Levanto-me às cinco

(Não sei se são da manhã ou da tarde), e vou

Tenho de descansar, hoje não há hóstia, dorme.
(*vira-se para o seu lado, de lado, para dormir*)

CATARINA

Ai é? Então vou amanhã também.
(*vira-se para o seu lado, de lado*)

D. JOÃO III

Oh, oh, oh.

Vamos agora de coche para quê?

CATARINA

Vá eu a pé

Vou ver o Salomão no cercado.

D. JOÃO III

Contradição

Deixe os seres, e seja só, e esta que durma
E acordando se esqueça.

CATARINA

Amo-te muito, beijo

D. JOÃO III

Beijo (guardo este para o dar a quem merece)
(Não te vires mulher, falo entre os parênteses
Quer dizer que penso)

CATARINA

(*rindo-se pelo nariz*)

Já sonho, mas é com outro.

Que haja PANO, o D. JOÃO III levantando o torso de súbito, como quem ouviu, mas olha pelo ombro dela, e ela tem os olhos fechados, paradíssima

CENA 2

Que apareça a baixo do PANO, o elefante SALOMÃO, coberto em sujeira, num cercado, enclausurado, e entra o D. JOÃO III, e o SECRETÁRIO

SECRETÁRIO

Aqui está ele Alteza.

D. JOÃO

Alto ele me é, que é facto.

Mas onde está o tratador dele, ferido fere-me
Assomadas paladinas provas a palacianas sumas
E vendo agora, o meu súbdito tão maltratado, até
Me espanta, que debaixo de mim alguém possa
Estar tão sujo.

SECRETÁRIO

São só os animais fidis Majestatis
Prometo que os pobres tomam banho.

D. JOÃO

Mau era
Não vá um tempo em que não se tome, achar-se
Que nesta época éramos porcos.

Entra CORNACA, o SECRETÁRIO vai falar com ele, que está despercebido de tudo, e aponta ao D. JOÃO, como a explicar quem é, e o CORNACA tenta fugir, e ele apanha-o, e trá-lo ao Rei

D. JOÃO

Aonde m'ia ele?

SECRETÁRIO

Estava tão surpreso, que ia meter o dente d'ouro.

D. JOÃO

Para não me parecer mal, aprecio o seu decoro.

Mande-lhe lavar esta Besta, Noé até s'ataranta.

(o CORNACA é informado, e sai e entra com um piaçaba comprido, molhando no balde grande na dorna onde o SALOMÃO bebe, e lava-o, com muito esforço)

Secretário, que achas que sente este Bisonte?

Um rio da Índia? Como o nosso sangue passado

Nos faz beber a mesma palavra, e nos diz sempre

És Português, também esta água?

SECRETÁRIO

Julgo que não;

Há de dizer, és Indiano.

D. JOÃO

Achas que estes falam?

Que dentro de si, sentem o banho agradável?

SECRETÁRIO

Já ouvi dizer que fazem truques por comida.

E já vi escrito, que quando os machos lutam

O que quiser paz, ajoelha nas patas de trás.

D. JOÃO

Ah! Não podia ser Português, tens tu razão.

SECRETÁRIO

Talvez não, mas olhe qu'então a Majestade

Lhe dá o Batismo.

D. JOÃO

Achas que é coisa digna?

SECRETÁRIO

Acho que nunca se viu, mas o Hanibal usou.

D. JOÃO

Mas este sujeito não pode ir assim coberto
De andrajos, vai-se fazer dois fatos, um
Para ele andar em cima, outro para espantar
Que um súbdito português anda bem vestido
(Quando se mostra aos outros).

SECRETÁRIO

Será feito.

D. JOÃO

Pergunta-lhe o nome, tem cara de Joaquim.

SECRETÁRIO

(vai ao CORNACA, e volta)

Subhro, com agá.

D. JOÃO

Fica Quim, pela diferença.

Que haja PANO, em baixo, o SALOMÃO levantando a tromba ao D. JOÃO III, e fazendo o seu barulho, e atira-lhe água, que o SECRETÁRIO se atira para receber ele, mas falha, estatelado no chão

CENA 3

Que abra o PANO a cima e está a CATARINA, e entra o FIDALGO, com uma carta, com as armas do Arquiduque

CATARINA

Dá cá Fidalgo, tu bem sabes que meu marido
Me deixa entrar nas reuniões de estado, e falar
Por isso é para mim isso.

FIDALGO

Alteza, está para ele.

CATARINA

Não que ainda puseste aí bilhetinhos para ele
E eu não te deixo, dá cá.
(arranca-a da mão dele)

Não está em Alemão

Está em Latim.

(ele dá dois passos a ela)

Vais-me dizer que tu sabes ler?

(ele faz vénia três vezes, e então ela dá-lhe a carta e ele lê)

Diz-me o essencial só, e nada mais.

FIDALGO

(lendo um segundo)

Que sim.

CATARINA

Exprimo na minha massa pilosa um sorriso,
Fidalgo, isto quer dizer, que estou satisfeita.

FIDALGO

Com bigode ou não Rainha, beijo a mulher.

CATARINA

Faço eu igual a quem tem monocelha.

FIDALGO

E diz,

Que parte a Viena talvez meados d'outubro.

Que pode mandar o Elefante a Valladolid já

Mesmo que seja ainda Agosto.

CATARINA

Que s'habitue;

Faz sentido. Creio que no fundo, nós todos

Estamos ao Bicho como eu, que não é gato

Que na perna nos roce, nem cão que olhe

Para cima com'ao Criador, mas pelo tamanho

A má condição reforça-o, e espalha-nos a pena.

FIDALGO

Deixe-m'a responsabilidade de organizar a ida

E dê-me dois homens mais o Cornaca.

CATARINA

Dou pois

Longe do meu marido é que estás bem. E indo

Não m'informeis. Nunca vi o bicho, mas amo.

Que haja PANO a cima, o FIDALGO fazendo vénia, e saindo recuando

CENA 4

Que a baixo o PANO, da Caravana de ida, que compõe o CORNACA em cima do SALOMÃO, os dois HOMENS ditos e mais deles, um carro de bois com uma dorna de água, um gigantesco carregamentos de fardos de forragem vária, um pelotão de CAVALEIROS com COMANDANTE, para segurança, e um carro das forças armadas puxado por duas mulas, isto da direita para a esquerda, com a direção à direita, e então entra o SECRETÁRIO

SECRETÁRIO

Saídes de madrugada para não haver curiosos

Ide com Deus, mesmo que seja o seu Vixnu.

Já agora, que quer dizer Subhro? Perguntai-lhe.

(vão e perguntam ao CORNACA)

HOMEM1

Quer dizer Branco, meu Senhor.

SECRETÁRIO

Nossa Senhora

A Rainha vai ter pesadelos alvos hoje e amanhã.

A vida ri-se das previsões e põe-nos palavra.

(bate no rabo do SALOMÃO)

Precipitado de corno em frente, à hianta goela

Da ignomínia não ireis. Mas antes de partirdes

Senhores, mandai entrar.

Entram CRIADOS, com um manto que faz a forma dum dromedário, como uma pele extensa, e o CORNACA reclama em língua estrangeira

SECRETÁRIO

Não ó Senhor, ouça

Mascaramo-lo de Dromedário, que é animal

De menor valor, e assim ele se esconde, e vai

Melhor sem roubos.

HOMEM2

Ele diz que o vai desgastar
Que o calor o vai perder as forças, meu Senhor.

SECRETÁRIO

Bem; melhor fraco que doutro. Metei-lhe vá
O manto. Também os reis magos não iam nus
Porqu'há d'ir este à nossa estrela? Metei-lhe.

(uma ação geral de muita confusão, em que o CORNACA lá se resigna, e metem um manto nas costas do SALOMÃO, tipo duas bossas amarelas, e ele é todo cinzento)

Caramba, está perfeito, que assim ao longe
Pelo menos não se suspeita. Vá, partide vós
Ide com Deus, mais por vós não posso fazer.

(começa a andar a Caravana à direita, e sob uma passadeira, e o fundo movendo-se também, o SECRETÁRIO vai desaparecendo, para a esquerda, enquanto andam TODOS, e os cavalos, e o SALOMÃO, e os bois)

Entalado entre hoj'e futuro, o imenso pedragal
Que faz tropeçar quem não ousa! Ide, ide, ide!

Sai SECRETÁRIO, pela esquerda, e aqui numa ação geral, a cena como que anda, para a direita, e eventualmente saem os bois pela esquerda e os HOMENS com eles, porque são os mais lentos da coluna, e então o CORNACA olha para trás, e repara que estão separados, e os CAVALEIROS também

CORNACA

Os bois, os bois? Ó Salomão apit'ái a tromba
P'ra ver s'eles nos ouve'. Ou só p'ra teimar
Me vais fazer descer? Vai a escada no carro
Que s'atrasa, ou não vamos a lado nenhum.
Só andámos três horas, já te deixo abanhar
O Tejo tem Ninfa, não lh'enfies o corno sim?
(escorrega pela tromba a baixo)

Aparece da esquerda, COMANDANTE, com dois CAVALEIROS a fazer-lhe toldo com guarda-sol

COMANDANTE

Já se veem os bois?

CORNACA

Se vossa Senhoria permitir

Posso dizer a minha ideia? Que os bois maus

O meu mau português os desdiga?

COMANDANTE

À vontade.

CORNACA

Havemos d'os engatar ao carro da sua frente

Que os bois andam devagar por sua natureza.

COMANDANTE

Digo igual dessa besta, hora a hora ela para

Para s'encharcar de lama, até já me salpicou.

CORNACA

A sua estrela brilha na mesma, meu Senhor.

COMANDANTE

Comprar não compro nada, aí pelas aldeias

Diremos que é em nome de Rei, e há a junta.

Entram os HOMENS com bois à esquerda, e batem TODOS palmas, e o SALOMÃO por cima deles, faz barulho com a tromba, de satisfação

COMANDANTE

Então agora, graças a Deus pela sorte, aqui

Sentemo-nos, que nos faz sombra de choupo

E a esta chapa o astro-rei não nos mate longe

E paisano.

(os HOMENS tiram do gorro e dos alforges, grosso pão, sardinhas, figo, queijo, e os CAVALEIROS têm melhor marmita, e aqui anda o COMANDANTE, com o toldo por cima de si levado por dois CAVALEIROS, enquanto vai de lado com o CORNACA, metendo-lhe o braço pelo ombro)

Sabe-me Senhor Índio, o que conta

A um Cavaleiro não são assuntos d'intender.

Mas sim qu'a malga venha cheia e o caldo

Não seja frio. Somos bestas que não precisam

Nem de fardo nem de água, podemos sobreviver

Aliviados só com o aliviar dos outros pesos.

Agora vou dormir a sesta, sente-se aí à frente

Qu'a seguir tem para me dizer.

(o COMANDANTE adormece, espalhado no chão, e o CORNACA senta-se à sua frente, de pernas cruzadas)

CORNACA

Homens meus

Dai três fardos do carro dos bois ao Salomão.

HOMEM3

A água guardamos, ele que vá ao Rio.

CORNACA

Não não

Dai-lhe dessa. Quando o vi banhar-se no Tejo

Nem um golo lhe foi à goela, por isso o mar

Ainda deve subir aqui, e água doce não há.

Aliás chegai-me cá, que sou primo deste aqui

E ele é representante do Rei, por isso vos manda.

Ides fazer duas equipas, uma com um capataz

Que elegereis vós, e ides puxar ou empurrar lá

(Se preferirdes o rabo ao corno do boi, digamos)

(o SALOMÃO faz barulho com a tromba sonhando, e o COMANDANTE começa a mexer-se)

Ide ide, se o apanhais dá-vos ração de chicote

A esse lombo e ainda come.

COMANDANTE

(idos os HOMENS em duas equipas aos bois da esquerda)

Diz-me então lá

Que me queres agora.

CORNACA

Pod'ir a trote em frente

Que os homens empurram os carros.

COMANDANTE

Vamos

Já acordei andemos, comi o sono.

CORNACA

Senhoria,

Mas o Salomão ainda dorme.

COMANDANTE

Está ele de pé.

CORNACA

E os cavalos só sonham deitados?

COMANDANTE

Mimado

Pior qu'os moços.

CORNACA

E já que o carro dos bois

É que marca o passo pela lentidão, Senhor

Devia ir em frente, e a escolta atrás, a sua.

COMANDANTE

Isso não, que nos vai o pó, e eu fico feio.

CORNACA

Por todos os santos do consílio dos deuses
Perdoe-me, Senhora! Como não pensei eu
Na sua galopada magnífica, ainda em mim
Penso na sua coxa, que a espada glorifica.

COMANDANTE

Sempre foi grossa, saio ao meu Pai. Acorda-o
Não quero esperar mais.

CORNACA

Senhoria, e chegando
Ao Arquiduque doente ou pior, que nos diria
A Majestade Dona Joana Terceira?

COMANDANTE

Ah pronto
Então volto a dormir?

CORNACA

O melhor é dividir o dia
(Como fazem os homens a comida, e o Salomão
Que vive três vidas nossas não precisa) em três
(Que repare Deus é três), e de manhã fazendo luz
Mas não calor, andarmos, à tarde d'agosto luar
Cheios luando a gosto, pondo-nos à sombra
E à noite caminhamos, até o breu nos casar.

COMANDANTE

(refila, mas lá ajeita, há um segundo)
Invocaste há pouco do consílio do céu, Quim.

CORNACA

Sim, Comandante.

COMANDANTE

Quer dizer que és Cristão?

CORNACA

Mais ou menos Senhoria; mas mais o menos.

Que haja PANO em baixo, o SALOMÃO voltando a fazer barulho a sonhar

CENA 5

Que entre o CORNACA a cima do PANO da esquerda, segurando a barriga, e passa à direita, ouvindo-se uma vaca a mugir, e ele volta a entrar, suspirando, e então olha para a direita, e vê-se uma aldeizita

CORNACA

Uma aldeia, que ninguém subiu a pendente;
O cansaço nos tolhe os olhos, e contorna
O alvorear as próprias sombras. Sempre-noivas
As sanguinárias coisas, e neste momento
(De sóbito meu abrir (e de meu limpar)),
O tempo não tem umbra, e é tudo mesma cor.
(Exceto a qu'aqui pinteí, castanho-tronco
Em verde-folha, e agora que lá fique, prado)
Vejo daqui os estábulos, onde haverá bois.
Alvíssara dando oxalá a aldeia, e do catre
Despertando o Sol p'ra seus soldados ver
Que da porta ond'há d'entrar, hóspedes
Só anfitriões haja, homens a que a lua caia
Aos braços de Senhoria vaga. Salvo s'esta luz
Cair num barranco, e cabrestante só lha saque.
(a falar a fora de cena, como a baixo)
Sentinela, sentinela! Vai avisar o Comandante
Que há aqui aldeia.

CAVALEIRO

(de fora)

Vá você, acorde-o Cornaca.

CORNACA

Meta-lh'um chouriço à porta da tenda, sentinela
Qu'ele acorda.

CAVALEIRO

Cornaca, não me fala em código?

CORNACA

O Português falha-me, não percebi. Fala-me
Sentinela, adormeceste? Olha qu'ele te castiga.

*Entra COMANDANTE, a segurar a barriga, e então vê o CORNACA, e vai a berrar com ele, mas
atrás dele está a aldeia, de fundo, então ao apontar-lhe, aponta-lhe*

COMANDANTE

Há aldeia há aldeia! Fui eu que a enconatrei!
Sai Conarca, fui eu qu'a entrei.

CORNACA

À vontadeinha.

COMANDANTE

(para, e olha furioso)
Queres que te deportem para a Índia?

CORNACA

Senhor

Aonde for Salomão eu vou, ou então morro.

COMANDANTE

Só preciso do Boieiro e do Sargento, Quim
Tu não és preciso. Quem desenhou este trilho
Que limpe as mãos à parede.

CORNACA

Eu limpei à silva.

COMANDANTE

A bolor e figos secos não vamos lá.

CORNACA

É roubar

Ou como se diz, pedir.

COMANDANTE

Eu vou primeiro para

Ver como estão, as beldades e as autoritas.

Vai lá baixo, mandar arrumar tu as mantas

As ferramentas, que eu vou dar óleo à minha.

Sai COMANDANTE para a direita e o CORNACA para a esquerda, e então passa o BOIEIRO a rezar um padre-nosso em cima

BOIEIRO

Padre-nosso que estais nas entranhas, as dívidas

Que sejam sempre pagas, e não paguemos nós

A quem devemos, e castigai sempr'os devedores.

Entra COMANDANTE, com o FEITOR

COMANDANTE

Que dizias?

BOIEIRO

Rezava pelo Salomão e o Feitor.

É este o Senhor?

FEITOR

Eu abarco esta comarca Si

Enquanto o Conde não está cá.

COMANDANTE

Quand'ouvi

O Conde que era assobie, por isso é grande.

BOIEIRO

Atão mas ajuda-nos?

COMANDANTE

Ajuda, em tudo o que for
Contra a sua salvação e da sua alma, e irrite
Os interesses do seu amo, pois o amor de amo
É sujeito ao amor de Rei, que é amo do amo.
Como é lógico.

FEITOR

Não desiludo eu a nossa pátria
Mas escreveide-me uma carta que o confirme
Que quando passardes cá a vir mos devolveis.

COMANDANTE

Dou-te a minha palavra de oficial de cavalaria
E chega.

FEITOR

Então vamos à abeogaria, e aos apeiros.

Sai o BOIEIRO com o FEITOR à direita

COMANDANTE

Ele vai, que de pocilga não percebo, só de guerra.
Oxalá este voto se cumpra, para podar galopar eu
Como nenhures meu Rubicão, e possa-m'aplaudir
O coração português, pelo meu feito, eu dizendo-o.
Talvez mande primeiro, o Boiero dizer que falhou
E depois eu lhe dê o contragolpe, como manda afinal
A tragédia grega.

Entra pela direita e sai pela esquerda o FEITOR numa mula, aos saltinhos com os pés a dar a dar, a dar-lhe para que ela ande

COMANDANTE

Ond'irá ele, com tanta pressa?

Não me digais Santos santíssimos, que me passa

E vai dar as novas lá em baixo antes de mim!

Sai COMANDANTE, à esquerda e abre a baixo, o FEITOR acabado de dar as notícias, os CAVALEIROS à sua volta, batendo palmas e assobiando, ao que entra o COMANDANTE, os segundos abraçando o primeiro, e agarrando-o, etc.

COMANDANTE

Sou um caldo reaquecido, burlou-m'a glória!

Vou deixar que s'acalmem, e dar-lhes vinho

Que saia este sabor alheio destas bocas irmãs!

FEITOR

Posso ver o elefante?

COMANDANTE

Não pode não!, a besta

É envergonhada, e acanha-se com gente nova

Depois amanhã não anda.

FEITOR

Nunca vi nenhum,

Meu Senhor, por favor.

Entra SALOMÃO, da direita, o CORNACA trazendo-o, mas não em cima

COMANDANTE

Maldito hindustanês!

FEITOR

Não é todos os dias, que se dá a um elefante

Um ciao de adeus.

(o CORNACA mete a sua mão sobre a do FEITOR, para ele tocar no SALOMÃO, que deixa)

Obrigado, lembrar-me-ei.

CORNACA

São mais mansos qu'os homens, os animais.

Ele também se lembrará de si, acredite-me.

Que haja PANO, em baixo, o COMANDANTE cruzando os braços, mas o SALOMÃO com a tromba, desfazendo-os, e contrariado como batendo moscas, lá pelo insistir e TODOS olhando faz um sorriso envergonhado o dito